

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME VI

NÚMERO XXII

JUL – SET 2007

O trágico como revelação da violência nas relações pessoais do século XIXProf Ms Moacir Dalla Palma
FAFIPAR/ PG-UEL

Resumo: Neste trabalho objetiva-se analisar o conto “Pílades e Orestes”, de Machado de Assis, com intuito de demonstrar que o autor se apropria da história trágica de Orestes, para revelar a violência que acontece nas relações pessoais do século XIX. Através de uma inversão de enfoque em relação ao texto trágico, Machado desvela os esforços da personagem Gonçalves na busca pela ascensão social. Tal situação evidencia o aniquilamento da auto-estima de Quintanilha, devido os subterfúgios utilizados pelo outro para mantê-lo como seu dependente emocional. Percebe-se, portanto, que a narrativa desenvolve-se a partir do interesse de Gonçalves na herança de Quintanilha, desejo realizado ao final do texto com a conveniente morte deste, vítima de uma bala perdida quando levava doces aos filhos do amigo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; trágico; violência.

The tragic action as a reveal of the violence in the personal relationships in the 19th century

Abstract: This work aims to analyze the short story “Pílades e Orestes”, by Machado de Assis, with the intention of demonstrating how the author uses *Orestes’s* tragic history to reveal the violence which happens in the personal relationships in the 19th century. In this work, through an approach inversion of the original tragic text, Machado reveals the character Gonçalves’s efforts in his search of social ascension. Such situation evidences Quintanilha’s self-esteem annihilation, because of the subterfuge tergiversated by the other character to keep him as his own emotional dependent person. It is perceived, therefore, the narrative is developed through Gonçalves’s

interest in Quintanilha's inheritance, a dream that came true at the end of the story with Quintanilha's convenient death, victim of a lost bullet when he was taking candies to his friend's children.

Key words: Brazilian Literature; tragic action; violence.

Em janeiro de 1903, Machado de Assis publica, no *Almanaque Brasileiro Garnier*, o conto intitulado "Pílades e Orestes". Três anos depois, o conto foi incluído em *Relíquias de Casa Velha* (1906). Sabe-se que Pílades e Orestes são personagens da tragédia grega do século V antes de Cristo. Estão presentes conjuntamente em *Coéforas*, de Ésquilo, *Electra*, de Sófocles, *Electra*, de Eurípidés, *Orestes*, de Eurípidés. Nestas quatro obras são apresentados como primos e amigos inseparáveis. Após o assassinato de Agamêmnon por Clitemnestra, Electra, filha do casal, entrega seu irmão, Orestes, com apenas dez anos de idade, a um antigo criado de seu pai, para que este o leve para a casa da irmã de Agamêmnon com o objetivo de que sobreviva aos desmandos de Clitemnestra e de seu companheiro, Egisto. Levado à Fócida, Orestes passa onze anos em companhia de Pílades, filho de Estófió e Anaxíbia, irmã de Agamêmnon. Adulto, Orestes retorna a Argos, juntamente com seu amigo Pílades, a fim de vingar a morte de seu pai, matando Clitemnestra e Egisto. Efetuado o matricídio, Pílades continua ao lado do amigo para ajudá-lo a sobreviver e auxiliá-lo a suportar as conseqüências de seus atos. Vale a pena destacar que na mitologia grega, Pílades representa o protótipo do amigo fiel.

No conto "Pílades e Orestes", Machado de Assis faz referência clara à tragédia grega, não só no título, mas também através de seu narrador que aponta a fonte que o inspirou afirmando: "Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego. Pílades é agora o personagem mudo de Sófocles" (ASSIS, 1998, p. 458). São três as tragédias que aqui percebe-se citadas, a primeira seria *Electra*, de Sófocles, que apresenta Pílades como amigo de Orestes, mas este não tem nenhuma fala. É o personagem mudo do qual fala o narrador. As outras duas peças seriam *Eumênides*, de Ésquilo e *Orestes*, de Eurípidés, onde Orestes adoece devido à perseguição das Fúrias, que lhe impingem a tomada de consciência do ato praticado, o matricídio. No conto machadiano, porém, esta tomada de consciência não acontece, pois o narrador é explícito quando diz que "Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego" (ASSIS, 1998, p. 458). Ao afirmar que "Pílades é agora o personagem mudo de Sófocles" (ASSIS, 1998, p. 458), o narrador refere-se a sua personagem quando morto, se agora Pílades é o personagem mudo de Sófocles, antes não o foi. Assim sendo, é difícil determinar as influências exercidas sobre

o Píades de Machado de Assis enquanto vivo. Em todas as obras, citadas acima, Píades atua como amigo fiel a zelar pelas ações de Orestes e, em seguida, a ajudá-lo a encontrar uma saída para a condenação do mesmo, determinada pela consciência cuidadosamente aguçada pelas Fúrias e pelos argivos vingadores. O Píades grego não se atém aos seus problemas. Parece mesmo não existirem. Sua vida registrada nas tragédias gregas limita-se a auxiliar o amigo Orestes em suas desventuras. Talvez aí esteja a relação do Píades machadiano com seu protótipo grego, pois este também não se atém aos seus problemas e vive para servir o amigo.

Machado de Assis retoma as supracitadas obras trágicas com uma inversão de enfoque. Os amigos, Píades e Orestes, foram focalizados pelos trágicos tendo ao centro a problemática de Orestes. Já no conto machadiano a focalização é direcionada para Píades, como aquele que vive apenas para servir, enquanto Orestes, movido pela dependência emocional do amigo, desenvolve um aspecto de personalidade ainda não conhecido pelos trágicos gregos, revela-se como ser interesseiro e egoísta, usando o amigo para alcançar sua realização econômica e afetiva. Além de inverter a focalização, Machado de Assis substitui as personagens gregas por dois brasileiros. Num breve relato sobre as características físicas dos dois, o narrador insinua qual será a sorte de cada um. O primeiro, Quintanilha, o Píades machadiano, é o típico representante do homem latino-americano, sendo de rosto redondo, baixo e moreno. O segundo, Gonçalves, ainda que brasileiro, representa o homem europeu, pois é de rosto comprido, alto e claro. Com isso, Machado de Assis traz à tona a realidade social brasileira. Constituindo-se o povo de uma miscigenação de raças, é normal que se tenha pessoas claras, morenas e negras. Pergunta-se então, as marcas físicas de diferenciação de etnia não seriam marcas de distinção social? O homem loiro, alto e de rosto comprido não teria maior valia aos olhos do próprio homem moreno, baixo e rosto redondo? Qual será o destino de ambos? O loiro terá melhor sorte que o moreno? Aqui está a problemática tratada no conto em pauta.

A história criada por Machado de Assis se passa no Rio de Janeiro entre as décadas de 1870 e 1893. O narrador apresenta-se como ente distanciado, limita-se a contar os fatos, emitindo algumas vezes pequenos pareceres acerca do comportamento das personagens. O foco está centrado, como se afirmou anteriormente, em Quintanilha. Homem rico que tendo estudado direito junto com Gonçalves, o amigo, encaminhou-se para a política, cumprindo apenas um mandato de deputado provincial e abandonando a carreira por ter recebido uma herança de um tio, voltando para próximo de seu amigo. A partir de então vive para servir Gonçalves, de quem possui uma forte dependência emocional. Gonçalves tratou de construir sua vida, seguiu a carreira de advogado no Rio

de Janeiro e constituiria família. Gonçalves é astuto e, sabedor da deficiência de autoconfiança de Quintanilha, usa-a em benefício próprio. Todas as suas ações são ditadas pelo interesse, embora este esteja muito bem camuflado. No decorrer do tempo Gonçalves está rico e feliz com sua esposa e filhos, enquanto Quintanilha, que passou a vida a servir o amigo, morre por uma acaso da sorte em virtude de uma bala perdida na praça Quinze de Novembro. Trata-se da Revolta da Armada¹ da qual o Píldes brasileiro foi vítima involuntária quando, alienado da realidade política, levava doces aos afilhados, filhos do amigo.

O narrador inicia a narrativa com a frase: “Quintanilha engendrou Gonçalves” (ASSIS, 1998, p. 448). Ora, “engendrar” significa, segundo o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, “dar origem a”, “gerar”, “produzir”, ou então, “inventar”, “imaginar” (FERREIRA, 1986, p. 654), que leva ao pensamento de que Quintanilha transformou Gonçalves em homem interesseiro, não só pela sua dependência emocional mas também pela atitude de subserviência ao amigo. Na leitura do conto como um todo, percebe-se que Gonçalves é uma pessoa que deseja se dar bem na vida, seja financeiramente, seja emocionalmente, enquanto Quintanilha despe-se de sua vida pessoal para satisfazer os desejos do outro. Com tal colocação, evidencia-se que o narrador tem plena consciência de como funciona a sociedade brasileira do século XIX. As pessoas tinham pretensões de galgar socialmente, fazendo de tudo que estivesse ao seu alcance para chegar a almejada escalada social. José Carlos Garbuglio, fazendo um breve comentário sobre *Dom Casmurro*, em “A linguagem política de Machado de Assis”, afirma que:

Muito próxima da prática social vigente e dos mecanismos consagrados, a linguagem de Capitu vela as intenções, deixa na penumbra os objetivos que tem em mente, não só para facilitar a remoção dos obstáculos por acaso interpostos, como para não prejudicar sua conquista lenta, tortuosa, mas acima de tudo segura. Longe de ser percebida, especialmente pelo seu futuro marido, sua linguagem tem incriveis parentescos com a de Escobar, grande amigo de Bentinho e depois amante de sua mulher, e cuja vida se pauta como a de Capitu, por objetivo semelhante: a escalada social. Avança sempre de forma ‘oblíqua e dissimulada’, aparenta um dado quando na verdade pretende outro muito diferente. Embora ambos se componham a partir da mesma perspectiva, ou por isso mesmo, se aparentam com os esquemas pelo uso instituído pela prática social (BOSI, 1982, p. 464)

Da mesma forma como Capitu e Escobar dissimulam seu verdadeiro intuito, Gonçalves também o faz. Já na primeira conversa entre os amigos descrita no texto,

constata-se o jogo de linguagem feito por Gonçalves para que Quintanilha pense ser ele um amigo preocupado com seu futuro, quando na verdade intenciona mantê-lo sob seu controle, pois sabe da dependência do outro para consigo. Quintanilha pretende desfazer-se da herança recebida de um tio, tal herança lhe trouxe problemas com os parentes que pensavam merecer parte do espólio. No entanto, não se desfaz da fortuna porque Gonçalves o convence de que seria extrema loucura a realização de tal ato, que Quintanilha não tinha culpa de ser melhor quisto pelo tio do que os outros parentes.

Na seqüência dos acontecimentos alguns parentes tentam a reconciliação com Quintanilha, no que aparece a outra face do amigo. Gonçalves trata de abrir os olhos de Quintanilha para o fato de que os parentes, que pretendiam se reconciliar, tinham em mente desejos escusos. Quintanilha, então, acatando os argumentos do amigo, não permite a reaproximação, mantendo-se dependente de Gonçalves. Um dos parentes, não revelado qual pelo narrador, tece comentários sobre o comportamento de Quintanilha, dizendo que este estava deixando de lado os parentes para manter-se ao lado de pessoas, segundo tal parente, estranhas. Faz inclusive alusão ao final trágico que o espera: “- Aí está, deixa os parentes para se meter com estranhos; há de ver o fim que leva” (ASSIS, 1998, p. 449). Quando tais comentários chegam aos ouvidos de Quintanilha, ele procura o amigo indignado com os boatos e outra vez a face oculta de Gonçalves transparece ao leitor. Gonçalves, conhecedor das fraquezas do companheiro e da dependência deste, sugere que se afaste dele. A proposta não seria feita se Gonçalves não tivesse certeza da recusa de Quintanilha, que além de negar o pedido de afastamento, acaba por demonstrar mais ainda a sua dependência emocional, preocupando-se pelo fato do amigo ter feito semelhante proposta, pergunta se este não estava aborrecido consigo. Pergunta prontamente negada pelo outro. O leitor sagaz percebe as intenções recônditas de Gonçalves, entretanto Quintanilha é homem ingênuo, não conhece as malícias sociais, não entende as atitudes do outro como mal intencionadas, mas sim como as de um amigo que o protege daqueles que estão querendo ludibriá-lo. Assim como, ele faria se a situação fosse inversa.

Resolvido o conflito com os parentes, o narrador passa a descrever como era a vida dos amigos, inserindo uma frase que conduz a impressão de que a dedicação era recíproca: “a vida que viviam os dois, era a mais unida deste mundo” (ASSIS, 1998, p. 450). Todavia, o relato seguinte é revelador a este respeito. Não é só pela narrativa ser focalizada em Quintanilha que o narrador descreve suas atitudes de dedicação irrestrita, mas também, e acima de tudo, pelo fato de Quintanilha submeter-se voluntariamente a uma série de atos que o levam a assemelhar-se com um escravo, que está à disposição

de seu senhor para a realização das mais variadas tarefas. A personagem não vive sua vida, mas sim a do amigo. Acorda pensando em Gonçalves, almoça e vai ao encontro do amigo, ajuda-o em seu trabalho, fazendo pesquisas e até mesmo carregando os livros. Como o outro esquecia com facilidade das coisas, Quintanilha lembra-se por ele, não só dos recados, mas das cartas, sapatos, charutos, papéis. Ou ainda, sente prazer, quando o amigo esquecia algum documento no escritório, de voltar buscá-los, numa atitude extrema de submissão:

Às vezes, na rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório. Quintanilha voava a buscá-los e tornava com eles, tão contente que não se podia saber se eram autos, se a sorte grande; procurava-o ansiosamente com os olhos, corria, sorria, morria de fadiga. (ASSIS, 1998, p. 450)

Esta submissão leva a uma violência nas relações pessoais, não uma violência física, uma violência em nível psíquico, que vai aniquilando a auto-estima de Quintanilha e criando um vínculo de dependência cada vez mais forte. A submissão a qual se entrega Quintanilha é fruto de sua insegurança diante da vida. É fato que sendo um homem rico, teria condições de viver tranquilamente sem depender de ninguém. No entanto, não consegue fazer outra coisa senão servir de empregado ao amigo, sem salário é evidente. Como já se falou anteriormente das características físicas de ambos e dos povos que representam, vale destacar que o rico é o representante típico do povo latino-americano, colonizado por europeus, enquanto o outro, de classe social menos abastada, representa fisicamente o europeu. Assim sendo, os papéis estariam trocados, já que a valorização da sociedade européia era extremamente importante naquela época. Tem-se então Quintanilha, mesmo rico e com condições de livrar-se das amarras do colonialismo, fazendo justamente o contrário. Mantém-se submisso e obediente ao amigo que é o típico representante daquele que deveria ser venerado. Gonçalves e Quintanilha são, portanto, figuras representativas de dominador e dominado, não como ocorria nos tempos de colonização, mas como membros de uma sociedade calcada nas relações de valor, onde o europeu tem mais valia que o latino-americano, que sujeita-se de espontânea vontade à pretensa superioridade do outro.

Gonçalves, sabendo da fragilidade emocional de Quintanilha, aproveita-se disso. Em princípio, dá a impressão de sentir-se constrangido com as ações servis do companheiro, chegando a dizer: “- Que maçada que dei a você!” (ASSIS, 1998, p. 450), para logo em seguida deixar de lado a preocupação e começar a estabelecer tarefas: “Gonçalves dizia

ao outro: 'Você hoje há de lembrar-me isto e aquilo.' E o outro decorava as recomendações, ou escrevia-as, se eram muitas" (ASSIS, 1998, p. 450). A subserviência de Quintanilha era exagerada, ele era a memória do amigo, lembrava-lhe de tudo e, segundo o narrador, passava horas de ansiedade a espera para lembrar o outro de seus compromissos. Em tom irônico, o narrador fala que "era de ver como o bom Quintanilha suspirava aflito, à espera que chegasse tal ou tal hora para ter o gosto de lembrar os negócios ao amigo" (ASSIS, 1998, p. 450). O adjetivo "bom" colocado nesta frase não tem apenas o significado de bondade, característica da personagem, mas também revela a ingenuidade dele. Por mais que fizesse para agradar Gonçalves, Quintanilha não tinha deste o retorno em igual proporção. Ao contrário, recebia em troca somente repreensões. Quintanilha, além dos mais diversos trabalhos que realizava gratuitamente ao amigo, descobria para este "bons charutos, bons jantares, bons espetáculos" (ASSIS, 1998, p. 450), ou então, Gonçalves não podia falar de um bom livro, que Quintanilha corria lhe comprar. Levou o amigo até para viajar, para passarem juntos as férias fora da cidade. Fazendo tudo isso sem esperar nada em troca.

Na volta da viagem, Quintanilha teve a idéia de mandar fazer um quadro de ambos, para que ficasse registrada a amizade que considerava recíproca. Recebeu do amigo uma bronca, além do sarcasmo, é claro. Gonçalves não só não gostou do quadro como o chamou de ignorante, por não perceber a má qualidade do desenho. Novamente é o próprio narrador que diz do mau caráter de Gonçalves com uma frase curta e esclarecedora: "a vida tem muitas de tais pagas" (ASSIS, 1998, p. 451). Quais são estas pagas? Ora, Quintanilha fez tudo com muito boa vontade, o objetivo era agradar o amigo e este simplesmente retribuiu com o sarcasmo e a ofensa. Nada mais agressivo para um espírito sensível como o de Quintanilha, do que uma reação como a de Gonçalves, que além de mal-agradecido, ainda por cima foi grosseiro e insensível. Mas, Quintanilha preferiu atribuir a culpa ao pintor do que se ofender com as palavras de Gonçalves, pois para ele o amigo sempre dizia as coisas certas, estava sempre com a razão.

A diferença do sentimento de amizade de um para o outro surge mais uma vez nas palavras do narrador. Este expõe os comentários que se faziam sobre os dois amigos, "uma senhora chamava-lhes os 'casadinhos de fresco', e um letrado, Píldes e Orestes" (ASSIS, 1998, p. 452). Ambos riam de tais assertivas, mas o riso de Quintanilha era carregado de amargura e tristeza, talvez por constatar que as pessoas não entendiam sua dedicação, ou até por perceber que o amigo não lhe tinha a mesma dedicação. No mesmo parágrafo vem a confirmação, o narrador esclarece a diferença que existe no sentimento de ambos: "o sentimento de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que

absolutamente faltava ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa” (ASSIS, 1998, p. 452). Mais reveladora, entretanto, é a colocação subsequente: “é claro que o segundo (Gonçalves) era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro (Quintanilha) do que este a ele” (ASSIS, 1998, p. 452). A inspiração de Quintanilha se dava pela postura de homem trabalhador que Gonçalves lhe passava? Evidentemente que não. Quintanilha não o admirava apenas por ele ser um homem batalhador. A admiração nascia das diferenças físicas. O que confirma a idéia, posta no início deste trabalho, de que Gonçalves é o europeu e Quintanilha o latino-americano. Qual seria o motivo de tanta dedicação e entrega se não este? O narrador deixa clara a superioridade de Gonçalves, mas não os motivos que levam a isto. A única evidência que se encontra no texto é a de que Gonçalves é branco, rosto afinado e alto, enquanto Quintanilha é moreno, rosto redondo e baixo. Está explícito, portanto, que o que move a personagem focalizada na narrativa é a superioridade européia de seu amigo, que deve ser venerado, não pela sua capacidade e personalidade mas tão somente pela sua descendência superior. Tal situação é tão a olhos vistos que logo em seguida o narrador fala: “realmente, não era grande advogado, mas na medida de suas habilitações, era distinto” (ASSIS, 1998, p. 453). Frase esta, exposta como que um pensamento de Quintanilha, ou seja, ele sabe que o amigo não é nenhum gênio do direito, mas não precisava ser, basta ser quem é. Basta ter a aparência de um ser superior, neste caso o europeu.

Em toda a narrativa, tem-se apenas uma passagem em que parece existir um ato de carinho de Gonçalves para com Quintanilha. O narrador comenta sobre a morte de uma tia de Gonçalves, sua única parente. No que Gonçalves diz ao outro que só lhe restava agora o amigo. Gesto de carinho? Talvez. Há que se ater ao fato, todavia, de que o gesto gerou em Quintanilha tanta emoção que este nomeou o amigo como herdeiro universal de todos os seus bens. Se for mantida em mente a idéia de que o sentimento de amizade de Gonçalves é movido pelo interesse, este alcançou seu objetivo ao declarar que para ele só restava o amigo. E porque não manter esta proposição, se as ações de Gonçalves foram todas no sentido de que Quintanilha também tivesse só a ele como pessoa confiável. Fazendo-o pensar, primeiro, que era o único merecedor da herança do tio e, depois, afastando-o de qualquer parente que tentasse uma reaproximação, dizendo-lhe que eles tinham intenções escusas.

Um acontecimento na vida de Quintanilha, contudo, viria interferir nos planos de Gonçalves. Quintanilha acabou se aproximando de um parente quando foi ao enterro da mulher deste. João Bastos tinha uma filha, Camila, pela qual Quintanilha acabou apaixonando-se. Esta paixão tornou-se um problema entre os amigos, problema já

insinuado pelo narrador antes mesmo de ser declarada por Quintanilha a seu amigo. Quintanilha tornara-se freqüentador assíduo da casa de João Bastos e foi ficando cada vez mais íntimo, a ponto de usar uma expressão do pai da moça para gerar mais intimidade com ela. Como Camila tocava músicas alemãs no piano, o pai a chamava de “minha alemãzinha” e Quintanilha passou a chamá-la “nossa alemãzinha” (ASSIS, 1998, p. 454). Neste momento da narrativa é que o narrador insinua que a paixão deve gerar conflito entre os amigos: “pronomes possessivos dão intimidade; dentro em pouco, ela existia entre os três, - ou quatro, se contarmos Gonçalves, que ali foi apresentado pelo amigo; - mas fiquemos nos três” (ASSIS, 1998, p. 454). E logo em seguida, dirigindo-se ao leitor, o narrador afirma: “Que ele é coisa já farejada por ti, leitor sagaz” (ASSIS, 1998, p. 454). Demonstrando, com isso, que é evidente a situação de conflito que irá se instaurar dali algum tempo. É fácil entender o porque, Gonçalves deve ter percebido a mudança de comportamento de Quintanilha e aguardava melhor momento para demonstrar sua indignação, o que veio a acontecer quando Quintanilha, como sempre o fizera, foi pedir conselhos ao amigo sobre seu sentimento pela prima.

Há ainda, algumas circunstâncias da narrativa que esclarecem o porque na geração de mal-estar entre Gonçalves e Quintanilha por causa da moça. A primeira delas é o fato de Camila ser erudita e conhecedora da música alemã, não só conhecedora como também sabia tocá-las, a ponto do pai e Quintanilha a chamarem de “alemãzinha”. Lógico seria, uma aproximação de Gonçalves, pois este, devido suas características físicas, é de descendência européia. Enquanto Quintanilha é descendente de raízes negras, pois é moreno. A segunda circunstância, evidencia-se na descrição que o narrador faz das visitas de Quintanilha na casa da moça. Camila olhava para Quintanilha, mas, segundo o narrador, “como as crianças que obedecem sem vontade às ordens do mestre ou do pai; mas pousava-os, e eles eram tais que, ainda sem intenção, feriam de morte” (ASSIS, 1998, p. 454); ou então, “ao piano, e por mais aborrecida que tocasse, tocava bem” (ASSIS, 1998, p. 455); e ainda, “Camila não faria obra de impulso próprio, sem ser por isso menos feiticeira” (ASSIS, 1998, p. 455). Através dessas afirmações, resta claro ao “leitor sagaz” que a moça não nutre sentimentos de amor pelo primo, apenas obedece à ordem do pai, que intenciona um bom casamento para a filha. A outra circunstância é o momento em que Quintanilha descobre-se apaixonado por Camila e resolve pedir a aprovação do amigo, revela que esta amando e acha que também é amado pela prima. Gonçalves reage de maneira a explicitar que também está apaixonado pela moça: “Gonçalves empalideceu, - ou, pelo menos, ficou sério; nele a seriedade confundia-se com a palidez. Mas não; verdadeiramente ficou pálido” (ASSIS, 1998, p. 455). Além de

empalidecer, fechou-se em si mesmo e, pela primeira vez, não disse ao outro o que fazer, soltando apenas um longo suspiro. Quintanilha, ingênuo como sempre, não percebe de imediato que Gonçalves também pretende casar-se com Camila, mas para o leitor atento isto é mais do que claro.

A situação de Quintanilha complica-se com esta atitude de Gonçalves. Era homem inseguro, incapaz de tomar uma decisão por vontade própria, sempre foi o amigo quem lhe indicou o caminho a tomar. Estava só, precisava fazer algo para diminuir a angústia de não poder contar com o amigo em hora tão importante de sua vida. Contava que Gonçalves lhe diria os epítetos costumeiros e, para ele, amigos, como “idiota, crédulo, paspalhão” (ASSIS, 1998, p. 456), mas não ouviu nenhum, o que o deixou ainda mais inseguro e perplexo, sem entender a nova reação do outro, que sempre e prontamente lhe dizia qual melhor atitude a tomar. Sem se dar conta dos sentimentos de Gonçalves, ou por isso mesmo, foi a casa de Pedro Bastos, estava disposto a declarar-se para a prima e sentir se ela realmente o amava ou se era somente um engano seu aqueles olhares, que pensava serem lançados em sua direção. Entretanto, a moça havia se recolhido e não teve como conversar sobre seus sentimentos. A única alternativa que restou a Quintanilha foi retornar para sua casa. Durante à noite teve um sonho revelador, como já havia tido outro, um pouco antes destes fatos.

O primeiro sonho não é descrito, mas o narrador deixa claro que através dele Quintanilha descobre estar amando Camila e conclui, com isso, que ela também o amava, sem, no entanto, ter tomado a precaução de confirmar os sentimentos da moça para com ele: “Quintanilha descobriu um dia de manhã que sonhara com ela a noite toda, e à noite que pensara nela todo o dia, e concluiu da descoberta que a amava e era amado” (ASSIS, 1998, p. 455). Note-se que a conclusão a que chega Quintanilha é, exclusivamente, devido a suas deduções do sonho e do seu pensamento na moça todo o dia. Não conclui que Camila o amava por qualquer outro meio que não seja suas próprias deduções. Além dos olhares da moça, já demonstrado que são forçados pelo pai, nada mais existe de concreto para que pense que a prima nutre quaisquer sentimentos por ele. Este sonho, porém, não é tão importante e esclarecedor como o segundo. Vale a pena descrevê-lo para que se possa analisá-lo mais detalhadamente:

Sonhou que ia atravessar uma ponte velha e longa, entre duas montanhas, e a meio caminho viu surgir debaixo um vulto e fincar os pés defronte dele. Era Gonçalves. “Infame, disse este com os olhos acesos, por que me vens tirar a noiva de meu coração, a mulher que eu amo e é minha? Toma, toma logo o meu coração, é mais completo.” E com um gesto rápido abriu o peito, arrancou o coração e meteu-lho na

boca. Quintanilha tentou pegar da víscera amiga e repô-la no peito de Gonçalves; foi impossível. Os queixos acabaram por fechá-la. Quis cuspi-la, e foi pior; os dentes cravaram-se no coração. Quis falar, mas vá alguém falar com a boca cheia daquela maneira. Afinal o amigo ergueu os braços e estendeu-lhe as mãos com o gesto de maldição que ele vira nos melodramas, em dias de rapaz; logo depois, brotaram-lhe dos olhos duas imensas lágrimas, que encheram o vale de água, atirou-se abaixo e desapareceu. Quintanilha acordou sufocado. (ASSIS, 1998, pp. 456-457)

Este sonho é a representação da vida de Quintanilha, vê-se entre duas montanhas, onde há uma ponte velha a ser atravessada. Se transpor a ponte Quintanilha livra-se da dependência ao amigo, ficando livre para conduzir sua vida sozinho com a constituição de uma família, casando-se com Camila. Entretanto, há um obstáculo a ser rompido, a figura de Gonçalves aparece no meio da ponte, evitando sua passagem e o acusando de roubar-lhe a noiva, arranca o coração do próprio peito e enfia-o na boca do outro, que desesperadamente tenta tirá-lo e colocá-lo de volta no peito do amigo, sem sucesso. Além ainda, de Quintanilha ver sair lágrimas dos olhos do amigo que enchem o vale abaixo da ponte, onde logo Gonçalves desapareceria. Tem-se, destarte, algo significativo para entender o ato posterior de Quintanilha dentro da narrativa. Se mantivesse o propósito de casar-se com Camila, Quintanilha perderia seu amigo e, conseqüentemente, passaria a guiar sua vida pelas próprias mãos, não teria mais a quem recorrer nos momentos de indecisão, perdendo de vez aquele que lhe dava sustentáculo. O sonho, portanto, simboliza um ritual de passagem da dependência em que se encontra Quintanilha para uma total independência. Todavia, Quintanilha não está disposto a transpor o obstáculo e tornar-se independente, prefere manter-se na situação em que se encontra, pois não atravessa a ponte por causa do amigo.

Os dois sonhos estão interligados no sentido em que ambos ajudam Quintanilha a entender a realidade. Na verdade, sonho e realidade se confundem na mente da personagem. Sobre o primeiro sonho, o narrador afirma que Quintanilha “sonhara com ela a noite toda, à noite que pensara nela todo o dia” (ASSIS, 1998, p. 455). Sobre o segundo, logo após descrevê-lo, o narrador diz que Quintanilha “de dia, rememorando toda a véspera, realidade e sonho, chegou à conclusão de que o amigo Gonçalves era seu rival, amava a prima dele, era talvez amado por ela... Sim, sim, podia ser” (ASSIS, 1998, p. 457). Conclui-se, assim, que Quintanilha não consegue ver a realidade diante de seus olhos, precisa do auxílio dos sonhos para descobri-la, ou então, o que seria mais viável, para aceitá-la como verdadeiramente é. Torna-se interessante perceber que a

personagem, quando está diante de problemas que lhe causam angústia, procura na fantasia/sonho uma válvula de escape, ou melhor, uma solução para os problemas que o atormentam. Já que, nestes dois únicos momentos de sua vida, não pode contar com a ajuda do amigo, agora tornado seu rival pelo fato de amarem a mesma mulher.

Está instalado o drama de Quintanilha. Livrar-se da dependência do amigo, declarando-se à Camila e se casando com ela, ou abandonar seu amor e, desta forma, permanecer dependente de Gonçalves. O narrador diz que “Quintanilha passou duas horas cruéis” (ASSIS, 1998, p. 457), até procurar Gonçalves e ter uma conversa definitiva. Pouco tempo para um homem inseguro tomar uma decisão tão importante. Por outro lado, muito tempo para quem a angústia da indecisão é uma constante. Não é difícil saber qual foi a decisão de Quintanilha, seu espírito fraco não lhe permitia outra decisão que não a de entregar, por espontânea vontade, Camila ao amigo. Assim se fez, Gonçalves casou com a moça e, de quebra, continuou herdeiro universal da fortuna de Quintanilha. Este teve como recompensa pela sua boa vontade, o prazer de ser testemunha do amigo no casamento e padrinho dos dois primeiros filhos. Vindo a morrer algum tempo depois vítima de uma bala perdida, já analisada anteriormente, quando, alienado da realidade, como sempre esteve, levava doces para os afilhados. Desta maneira acertou-se a problemática social. O homem latino-americano continuou subserviente, enquanto o descendente de europeu reconquistou sua posição de destaque social, recebendo a herança do amigo e casando-se com a “alemãzinha” (ASSIS, 1998, p. 454), ou seja, mulher culta e erudita aos modos do século XIX, que só poderia pertencer a Gonçalves.

Onde está então a violência neste conto machadiano? O próprio narrador dará o caminho com a assertiva: “mas a alma humana é capaz de esforços grandes, no bem como no mal” (ASSIS, 1998, p. 458). Os esforços para o bem são facilmente percebidos nas ações de Quintanilha. Ele entrega-se totalmente para melhorar a vida do amigo, fazendo qualquer coisa para agradá-lo e torná-lo um homem feliz. Começa com a ajuda no trabalho, passa para a compra de objetos pessoais, como charutos e livros, leva-o a bons espetáculos e para uma viagem. Chega ao ponto de abandonar a própria vida pessoal em detrimento da felicidade do outro, entregando-lhe a mulher amada. Do outro lado, tem-se Gonçalves, que faz justamente o contrário. Sabedor da insegurança e dependência de Quintanilha, faz de tudo para mantê-lo sob seu controle. Manipula as situações para que tenham o resultado pretendido por ele. Em princípio, afasta Quintanilha de seus parentes, normalmente herdeiros naturais, para que este não tivesse outra pessoa a quem recorrer nos momentos de indecisão e angústia. Para depois, tomar-lhe até mesmo a mulher amada, evitando, assim, que Quintanilha viesse a ter herdeiros,

ou melhor, filhos. Nada mais violento, e até mesmo cruel, do que aniquilar a vida de outra pessoa, principalmente de um amigo, para atingir a almejada elevação social. O final do conto vem ainda confirmar esta proposição. Gonçalves, com a morte de Quintanilha, herdou toda sua fortuna. Quintanilha, todavia, foi enterrado em uma sepultura simples na qual o epitáfio colocado foi apenas “Orai por ele” (ASSIS, 1998, p. 458). Mesmo em morte não teve do amigo ao qual dedicou sua existência o mínimo de gratidão e reconhecimento merecidos. Ainda por cima, o narrador afirma que “Orestes (Gonçalves) vive ainda, sem os remorsos do modelo grego” (ASSIS, 1998, p. 458). Prova cabal de que tudo foi planejado, Gonçalves queria apenas galgar a escala social, utilizando-se do amigo para atingir seu objetivo, não tendo com isso, qualquer tipo de drama de consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BARBOSA, João Alexandre. Leituras: o intervalo da literatura. In: _____. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990. p. 15-23.
- BOSI, Alfredo et. al. (Orgs.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 13-32.
- CÉZAR, Adelaide Caramuru. A crueldade em Machado de Assis. *Signum*. Londrina, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, n. 3, p. 31-44, 2000.
- DADOUN, Roger. *A Violência: ensaio acerca do “homo violens”*. Trad. Pilar Ferreira de Carvalho, Carmen de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- ÉSQUILO. Coéforas. In: _____. *Oréstia*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 89-143.
- _____. Eumênides. In: _____. *Oréstia*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 145-198.
- EURÍPIDES. *Orestes*. Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

GLEDDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MEICHES, Mauro Pergaminik. *A travessia do trágico em análise*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2000.

SÓFOCLES. *Electra*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ⁱ REVOLTA DA ARMADA: o almirante Custódio de Mello, descontente com Marechal Floriano Peixoto, pois pretendia sucedê-lo na presidência, sentiu-se traído quando ele apoiou Prudente de Moraes, liderou, então, uma revolta em que os navios da marinha, aportados na Baía de Guanabara, dispararam contra a cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1893. Quando as tropas revoltosas tentaram desembarcar, os cariocas, mal-informados pelo governo, acreditavam que os rebeldes eram monarquistas e criaram batalhões populares. Percebendo a impossibilidade de continuar a luta, os rebeldes dirigiram-se para Santa Catarina, formando um governo provisório na ilha do Desterro, unindo-se aos federalistas gaúchos. O presidente, respaldado pela burguesia cafeeira paulista, comprou navios dos Estados Unidos e conseguiu retomar a ilha do Desterro em 13 de março de 1894, a ilha passou a chamar-se, a partir daí, de Florianópolis (hoje capital de Santa Catarina).